

# SURROUND 5.1

**Na última vez, falamos sobre a configuração da monitoração para o sistema 5.1.**

**Normalmente, temos a idéia de que para este sistema temos que ter o mais moderno e mais caro setup do mercado, mas isso não é bem verdade**

**N**o meu “home”, tenho uma Digi 001 e o software, um Protools 5.1.3. Ou seja, tanto o hardware quanto o software são antigos. O meu software não tem configuração para mixagem surround, mas tem oito saídas. Na verdade, qualquer placa de som que tenha seis ou mais saídas pode ser utilizada para uma mixagem surround, porque, como foi dito no artigo passado, o 5.1 consiste em seis canais. Cada um destes canais pode ser mandado para uma das saídas, e cada saída alimenta um monitor. No caso de uma placa com oito saídas, a solução é simples:

Saída (out) 1 – Front L (frente esquerda)

Saída (out) 2 – Front R (frente direita)

Saída (out) 3 – Rear L (fundo esquerda)

Saída (out) 4 – Rear R (fundo direita)

Saída (out) 5 – Center (centro)

Saída (out) 6 – LFE (sub-graves)

Ainda sobram duas saídas.

Ou seja, se alguém disser que para poder mixar em 5.1 é necessário trocar todo o seu sistema, estará falando bobagem, a não ser que a sua placa tenha menos de seis outputs.

A grande discussão sobre o 5.1 é se existe algum padrão para a distribuição dos canais. No áudio, artisticamente, podemos fazer o que tivermos vontade, mas mesmo no estéreo (2.0) existem alguns padrões. Afinal, temos apenas duas caixas, e qualquer material terá que ser colocado em algum ponto entre o Left e o Right. Por exemplo: é comum em mixagens de música pop colocar bumbo, caixa, baixo, voz, solos no centro. Isso porque são elementos muito presentes e, se algum deles estiver muito para um lado ou

para o outro, podemos ter a sensação de que o equilíbrio da imagem estéreo está torto. Mas isso não quer dizer que não pode ser feito. Nos discos dos Beatles, várias músicas são mixadas com a bateria toda de um lado só.

E ainda assim a mixagem 2.0 nos oferece menos possibilidades de posicionamento, esquerda, direita ou algum lugar entre os dois. E como temos, na maioria das vezes, muitos canais, e temos que fazer todos estes instrumentos estarem presentes e nítidos, somos obrigados a cortar frequências e mesmo posicionar um instrumento na imagem estéreo em função de outro para que eles não venham competir na faixa dinâmica e de frequência...

---

**Se alguém disser que para poder mixar em 5.1 é necessário trocar todo o seu sistema, estará falando bobagem, a não ser que a sua placa tenha menos de seis outputs**

---

Como na mixagem 5.1 pode-se dividir o material de áudio em seis vias, existe muito mais liberdade para o posicionamento dos instrumentos, e eles competem menos entre si. É como se um grupo de pessoas se acomodasse primeiro em um cômodo de dois metros quadrados e depois se acomodasse em um cômodo de seis metros quadrados. É claro que, na se-



Ricardo Mendes é produtor musical, formado pelo Guitar Institute of Technology, autor do método Guitarra - Harmonia, Técnica e Improvisação, e professor da EM&T.

gunda opção, as pessoas estariam bem mais confortáveis.

Imagino que tenha ficado claro que no 5.1 existem mais possibilidades de posicionamento. Entretanto, qual é a maneira de posicionar então?

Talvez as três perguntas mais frequentes sobre posicionamento em 5.1 sejam:

O que eu mando para as caixas de trás?

O que eu mando para a caixa central?

O que eu mando para a caixa de sub-graves?

Este é o ponto. Ainda não há regras, as pessoas estão testando, e também há a situação, que pode ser um disco ao vivo ou um disco de estúdio. Vamos abordar algumas possibilidades:

É uma teoria bem consistente de que, mesmo mixando em 5.1, os canais frontais direito e esquerdo devem trazer todo o material e que, só escutando esses dois canais, a mixagem já soe coerente. Vamos imaginar a seguinte situação: você resolve tirar a voz do LR frontal e deixar só na caixa de centro. Uma pessoa compra o DVD, mas o sistema dele não tem a caixa central, ou ela está desligada, ligada errada, pifada, etc. Essa pessoa simplesmente não escutará a voz. Você resolve mandar o bumbo e baixo todo para o sub-grave. Já imaginou o que aconteceria se o cara não tiver uma caixa de sub-graves? Mas você poderia dizer: então é só o cara ir no setup do DVD e escolher o áudio 2.0 que vai estar tudo na mixagem. O problema é que a maioria das pessoas não atenta para isso. Bota o DVD no aparelho e “dá play”. Se na autorização do DVD estiver como default o 5.1, é assim que ele entrará e as pessoas vão falar: que DVD ruim. Não dá nem para escutar a voz...

Vamos tentar esquematizar:

LR Frente – Todo o material, muito próximo de uma mixagem 2.0

E as caixas de trás? São elas que vão te dar a estética de posicionamento. Em um DVD ao vivo (quase todos são ao vivo), a primeira coisa em que se pensaria seria colocar a platéia nas caixas de trás. Isso

daria ao ouvinte uma sensação de que ele está no meio da platéia assistindo ao show. Mas pode também tentar colocar o ouvinte como se ele estivesse no palco ouvindo os instrumentos vindo de vários lados. Eu, particularmente, acho desta ma-

**Ainda não há regras, as pessoas estão testando, e também há a situação, que pode ser um disco ao vivo ou um disco de estúdio**

neira muito mais interessante, mas ela corre o risco de não reproduzir tão bem se o ouvinte não tiver um sistema bem alinhado em casa (e quase ninguém tem). Também acho interessante jogar um pouco dos efeitos para as caixas de trás, pois, nos shows ao vivo, realmente ouvimos reflexões vindas de trás como eco e reverberação. Isso aumenta a profundidade do som. No último DVD que fiz, coloquei nas caixas de trás os microfones do fundo da platéia (os da frente eu deixei nas caixas frontais), reverb, delay e também um pouco dos canais de backing vocal. Basicamente foi uma mixagem conservadora para as caixas de trás. A única “ousadia” foram os backing vocals vindos também de trás. Isso deu um maior envolvimento na hora dos refrões, apesar de isto não acontecer de verdade em um show ao vivo, quer dizer, no show do Roger Watters na praça da apoteose aconteceu sim, com uma P.A. 7.1.

Mas você pode colocar o que quiser nas caixas de trás. E se você distribuir os instrumentos pelas caixas de trás, não será necessária tanta compressão ou corte de frequências, pois os instrumentos competirão

menos entre si porque há mais espaço para a colocação deles. Isso deixará as timbragens mais naturais e suaves para os instrumentos. Também podemos colocar efeitos, como delay circundando pelas caixas em uma verdadeira pirotecnia sonora, o que pode tornar as coisas muito divertidas de se fazer. Lembre-se só de que, quanto mais “ousada” for a sua mixagem, mais interessante ela será, mas também será maior o risco de ela não reproduzir por igual em vários sistemas. Por que a vida é assim?

Na caixa central, o mais comum é colocar a voz, mas eu também coloquei solos e efeitos. Eu, particularmente, não gosto muito de colocar a voz seca sem efeitos (a não ser que essa seja a estética da música). Acho que fica muito “dura”. Entretanto, não gosto de colocar reverberação na caixa central também. Coloquei voz e solos com um pouco de delay. Esta também é uma opção conservadora, porque em muitos sistemas, a caixa central simplesmente não existe. É a grande maioria deles tem uma caixa central fraca. Mais uma vez resalto que você pode fazer a sua mix 5.1 mandando para aquele lugar quem não tiver um sistema bem alinhado, mas que isso seja bem discutido com o seu cliente, porque quando ele chegar em casa, colocar o DVD no home theater de 250 reais made in china e não ouvir algo que vocês estavam ouvindo no estúdio, provavelmente ele vai te ligar assustado dizendo que sumiu alguma coisa.

Na caixa de sub-graves, enviei bumbo, baixo, tons e voz quando o cantor fazia “beat-box” com a voz. Algumas pessoas preferem mandar toda a mixagem para a caixa de subs e deixar que ela faça a filtragem naturalmente. Para mim, mandar só os instrumentos de frequências graves pareceu dar uma maior definição nos graves.

Abraços



e-mail para esta coluna:  
backstage@backstage.com.br